



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
Coordenadoria de Pesquisa – CPES**

*Campus Universitário Ministro Petrônio Portela, Bloco 06 – Bairro Ininga
Cep: 64049-550 – Teresina-PI – Brasil – Fone (86) 215-5564
E-mail: pesquisa@ufpi.edu.br*

**SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA IMAGEM DO SUJEITO SURDO NA RELAÇÃO
COM A NOÇÃO DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA D’“A
SINGULARIDADE DOS SENTIDOS DE SOL E LUA”**

*Rômulo de Lima Sousa (bolsista PIBIC/UFPI), Maraisa Lopes (Orientadora, Campus
Ministro Petrônio Portela – UFPI)*

1. Introdução

Diariamente, podemos observar formulações sobre os acontecimentos socialmente relevantes e as descobertas científicas. A relação entre o discurso jornalístico e científico pauta um lugar outro para a significação das pesquisas, o lugar da “divulgação científica”, que pode ser relacionado a um conjunto de materiais que vão desde revistas, programas de TV e de rádio passando por livros didáticos, aulas do segundo grau, revistas em quadrinhos, e, em grande medida, a internet. E tem, imaginariamente, como função, colocar “em linguagem acessível” os fatos/pesquisas científicas, os quais não seriam acessíveis ao grande público.

Em nosso caso, interessam-nos os materiais produzidos e veiculados na articulação entre a ciência e a mídia, os quais “publicizariam” a ciência, tirando-a de seu meio de circulação tradicional e levando-a ocupar um lugar no “cotidiano” do grande público. O efeito de sentido que se estabelece com essa produção é o “efeito de informação científica”, em que o “conhecimento” científico passa para “informação” científica (ORLANDI, 2001). Neste funcionamento, o discurso de divulgação atua como um discurso sobre, o qual ao falar sobre um tema científico o coloca entre este e os sujeitos não especialistas.

2. Procedimento Metodológico

Com o intuito de pensar as relações próprias da abordagem de textos de divulgação científica, mais precisamente, em textos que abordem a constituição do sujeito surdo, e, de analisar os funcionamentos encerrados no Capítulo V, do Livro *Bullying Contra Surdos – A Manifestação Silenciosa da Resiliência*, lançamo-nos a este investimento teórico-analítico. Buscando o êxito de nossa pesquisa, estabelecemos entradas mais específicas para nosso campo de estudo; procedemos a uma pesquisa teórica sobre a Análise de Discurso; lançamo-nos à análise de nosso arquivo, bem como procedemos à escrita de nossas compreensões.

3. Resultados/Discussão

Como dito anteriormente, selecionamos como nosso material de análise o Capítulo V “A Singularidade dos Sentidos de Sol e Lua”, do Livro *Bullying Contra Surdos – A Manifestação Silenciosa da Resiliência*, livro originado a partir da dissertação de mestrado de Telma Franco.

Pensando as condições de produção para esta obra, temos o ano de 2011, a realidade de uma escola pública em que se realiza a inclusão no estado do Piauí e o olhar dos próprios alunos surdos sobre sua condição e inserção escolar, além de todas as injunções sócio-históricas e políticas em jogo nesse ambiente.

Sol e Lua são surdas, nascidas surdas, e, que se utilizam a língua de sinais para se comunicar no dia a dia. Lua é uma garota de 17 anos, designada pela autora como surda oralizada, inteligente, vivaz, com auto estima preservada, apesar do constante assédio e do bullying que sofre na escola, conforme afirma a autora. É a única surda da família. Já Sol é uma adolescente de 14 anos, dita pela autora como uma surda não oralizada, bonita, inteligente, estudiosa, e também a única surda da família.

Quando notamos o modo utilizado para designar as duas surdas, vemos que ambas são caracterizadas pelo fato de nascerem surdas, o que diz muito sobre sua experiência com o mundo ouvinte. Sol e Lua são distintas entre si por uma ser oralizada e outra não, vemos aqui funcionar a separação entre o mundo daqueles que tem o contato com a língua oral-auditiva e os que não têm, como se aos que não têm tal contato coubesse o lugar da falta, da ausência. Nota-se, ainda, a necessidade de enfatizar que ambas são inteligentes, num movimento que nos permite pensar que estas precisam ser significadas por questões positivas, uma vez que já são marcadas pela falta da linguagem, um movimento bastante próprio ao mundo dos ouvintes.

Ambas estudam na mesma escola e cursam o 6º ano do ensino fundamental. A instituição em que estudam caracteriza-se como um ambiente inclusivo, onde há alunos surdos e ouvintes compartilhando as mesmas salas de aulas, sem profissionais intérpretes de Libras e com professores não conheciam a língua brasileira de sinais. Poucos alunos ouvintes dominam a Libras, o que dificultava a comunicação dos sujeitos surdos com os demais componentes do ambiente escolar. Percebe-se aqui que a estes sujeitos surdos lhe é negada a própria possibilidade de ser sujeito de suas práticas educacionais, já que a língua à qual deveriam, ou melhor, que lhes restaria, se sujeitar e ser sujeito de, na escola, seria a língua oral-auditiva, a qual não lhes é própria, não condiz com sua condição de sujeito surdo, não lhes reconhece em sua condição de diversidade.

Nos dizeres do livro, Sol parece demonstrar uma postura mais politizada, enunciando de um lugar, de uma posição de aceitação do “sou surda”, “tenho a língua de sinais”, “tenho meu direito de me expressar através da minha língua e da minha cultura”. Percebem-se traços fortes de uma formação discursiva que defende um ambiente bilíngue de interação, de uma identidade surda legítima que a empodera, através de sua língua, a realizar suas reivindicações. Sol funciona como líder para seus colegas surdos em sala de aula, levando-os a questionar a ausência de profissionais intérpretes na escola e o motivo de sua professora não conseguir lhes ensinar os conteúdos ministrados para os ouvintes.

Sol queixa-se bastante que esse assédio provocado pelos alunos ouvintes causa-lhe um certo cansaço. Essas práticas diárias de exposição indevida do surdo em sala de aula são causadas por uma não correspondência de expectativa por parte dos ouvintes com relação ao sujeito surdo. Os ouvintes não compreendem a limitação do aluno surdo e do contexto em que eles estão inseridos, das falhas educacionais do sistema para com ele.

Ainda no texto em análise, percebemos que as formulações são enunciadas a partir de duas posições sujeito principais: uma que diz não haver esse tipo de prática na escola e outra que se diz que há sim preconceito. Um aspecto bastante enfatizado por Sol refere-se à negação da condição do sujeito surdo demonstrada pelo comportamento dos Ouvintes, tanto professores como alunos, em relação ao sujeito surdo: “Os ouvintes não respeitam, eles ignoram o surdo”. Esse fato pode ser, inclusive, observado se lembrarmos que grande parte dos professores, por não saberem comunicar-se em Libras, termina por se distanciar do surdo, em sala de aula, ministrando suas aulas apenas para ouvintes.

Podemos perceber que os sujeitos surdos representados nesse estudo por meio de Sol e Lua possuem clareza quanto à aceitação de identidade, percebem que são diferentes dos ouvintes apenas no modo de perceber/representar o mundo por meio de uma língua diferente, o que não lhes faz melhor ou pior. Pontos como o isolamento e a aversão ao mundo ouvinte e aos sons são evidenciados nas falas de Sol e Lua, quando essas se utilizam de designações como ruim, dominador, impositor, intolerantes quando o assunto é surdez e sua relação com o ambiente escolar. O bullying escolar presente na vida de ambas traz barreiras educacionais e comunicacionais nítidas que culminam na exclusão das participantes de um real processo de ensino-aprendizagem, em que possam ser realmente sujeitos de ação.

4. Considerações Finais

Buscando o êxito de nossa pesquisa, estabelecemos uma entrada mais específica para nosso campo de estudo e enfocamos o Capítulo V do livro em análise. Pudemos notar que Sol e Lua são designadas por expressões que pautam sua surdez, tais como o fato de serem nascidas surdas, bem como a distinção feita entre ambas, em que uma delas é denominada como surda oralizada e a outra como não oralizada.

É relevante enfatizar que há duas posições sujeito que enunciam neste texto, uma que afirma a existência de casos de bullying contra os jovens surdos no ambiente escolar, e outra que o nega. Negar esse acontecimento, é negar a própria diversidade entre os alunos, é negar a própria condição de existência dos sujeitos surdos.

Por fim, é fundamental que se observe que a relação de vida, que a relação das alunas com o ambiente escolar é de maneira muito forte atravessada pela questão da língua; por se utilizarem de língua de sinais, em um ambiente em que não há intérprete, não há professor que denomine a língua, elas ficam à margem, alijadas do processo, sem a própria possibilidade de subjetivar-se, de serem sujeitas à língua e sujeitas dela.

5. Bibliografia

FRANCO, T. **Bullying Contra Surdos: A Manifestação Silenciosa da Resiliência**. Curitiba: Editora Appris, 2014. LABORIT, E. **O grito da gaivota**. 2. ed. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho, 2000. ORLANDI, E. P. Divulgação Científica e Efeito Leitor: uma política social urbana. In: GUIMARÃES, E. R. J. (org.). **Produção e Circulação do Conhecimento. Estado Mídia, Sociedade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

PALAVRAS-CHAVE: Sol. Lua. Sujeito Surdo.